

Se alguem vos annunciar outro Evangelho além do que já recebestes, seja anathema.

S. PAU. aos GALA I, 9.

A REFORMA

Não creia a todo o espirito, mas prova te os espiritos são de Deus; porque já muitos falsos prophetas tem vindo ao mundo.

1.º S. João IV, 4.

FOLHA EVANGELICA

Pregai o Evangelho a toda a creatura.

S. MAR. XVI, 15.

E' triste o aspecto da nossa sociedade.

O ultramontanismo comprimido sob o pé possante do anjo da verdade dos Evangelhos, hoje mais do que nunca se estorce e vocifera contra o mundo culto que avança em seu caminho luminoso mas arduo e constante do progresso.

Roma reumathica, nervosa, de mau humor, debilitada, alimentando-se de bullas irritantes, está no periodo grave de uma grande enfermidade. O mephitismo, não das lagoas romanas, mas o da vaidade ambiciosa, tem entoxicado aquelle organismo, e em seu delirio dicta leis de extremínio e excommunhão insustentaveis. Faz mais ainda: quer a todo o transe impor a todo o mundo as suas desmandadas ambições, pretendendo usurpar para si os foros da razão e da liberdade do pensamento e não se importando com desunir a familia por meio do fanatismo, e desatar os laços sociaes.

Ora é mister combater por todos os meios energicos permittidos, principios tam subversivos, sem embargo de que nos apodemem de conjuradores os homens das sacristias.

Conjuradores são os que fazem da sotaina do jesuita a bandeira do seculo! são os que juram por Pio IX.

Conjuradores são os que nos anathematizam em nome de Loyolla e de Laynez, os que nos praguejam em nome de Escobar e de Mollina, os que nos ameaçam em nome de Torquemada.

Conjuradores são os que nos bradam — apontando para o quemadero dos dominicanos — a luz do seculo ha-de ser offuscada pela luz da fogueira. São os evangelicidas que crucificam a palavra da revelação nas bullas pontificias, como os deicidas crucificaram o Nazareno no instrumento da infamia.

Dos abusos de Roma, tem nascido o maior de todos os males — a perda da fé religiosa. Eis o cancro que mina e corroe a sociedade dos nossos dias.

Para oppor um dique a esta torrente impetuosa e devastadora é que esta folha vem tomar humilissimo lugar nas grandes e civilizadoras lides da imprensa.

O nosso credo é o seguinte:

Não queremos como religião o romanismo, phantasma multiforme á mercê da impiedade — systema religioso mentindo á consciencia e ao Evangelho, á frente do qual figura como chefe um homem infallivel e santo, que passa toda a sua vida no descanso, na paz, no gozo das honras e no fruir das riquezas.

Queremos o Evangelho puro tal qual Jesus Christo o pregou, e não outro que seja um fingimento diuturno e escarnecedor.

Queremos uma organização de familia que tenha por alicerce a creença no Evangelho, o poder paterno, a sublimidade da mai de familia christã.

Queremos um Estado que respeite os cultos e os faça respeitar; que não estabeleça o encargo systemathico de uma religião official, visto que no dizer do eminente tribuno hespanhol, Castellar, o estado não tem alma.

Queremos uma instrução publica que tenha por guias homens de antecedentes moralizados, de convicções profundamente christãs, de abnegação absoluta para tambem poderem ensinar o sacrificio, fundamento de toda a vida social.

Eis o que querem, o que no modesto silencio da consciencia almejam os homens de bem, os homens patriotas, não os tartufos que soltam e acorrociam as tempestades para

(1)

FOLHETIM

LUCILIA

ou

A LEITURA DA BIBLIA

por

ADOLPHE MONOD

TRADUZIDA DO FRANCÊS

INTRODUÇÃO

PRIMEIRA CARTA

Lucilia ao Abbade Faviano

Ides ficar admirado ao receber uma carta minha; e mais ainda quando a tiverdes lido. Porém sois vós no mundo a unica pessoa a quem ousou declarar-me sobre um assumpto que, ha algumas semanas, muito me occupa.

Pela primeira vez na minha vida, comeco a conhecer que não tenho religião, e a sentir o desejo de ter uma qualquer. Tive como toda a gente, ou ao menos como todas as mulheres, uns momentos religiosos, n'essa idade em que o coração principia a sentir a necessidade de amar, e se dá a Deus a falta de outro qualquer attractivo. Mas isso não foi mais que um relampago.

Bem depressa os prazeres, as vantagens que obtive no mundo, a afeição que M. de Lassalle soube inspirar-me, emfim os deveres da vida, o marido, o governo da casa, os filhos, absorveram toda a minha attenção, e se o habito, que adquiri, de assistir á missa com a minha familia me tem feito lembrar de tempos á tempos de que ha um Deus, devo confessar que em sabindo da egreja nunca mais me lembrava d'elle. Meu marido, como sabeis, senhor Abbade, no artigo religião pouco se importa com o que eu faço; se eu tenho sido indifferente, elle é completamente indifferente.

(Continua).

bater moeda ao balcão e sacrificar mais tarde alguma victima incauta.

Nesta cruzada apresentamo-nos voluntariamente.

E' a cruzada da liberdade futura, da liberdade de nossos filhos, que terá o Evangelho por sustentaculo, e não irá naufragar no servilismo proveniente da impia e idolatra igreja de Roma.

Eis-nos de viseira levantada.

Appareçam os contrarios.

G. D.

ASSUMPTOS HISTORICOS

O JESUITISMO NO PORTO

Cartas ao Ministro da Igreja Evangelica Methodistista Portuense, o R.^{mo} Roberto H. Moreton.

PRIMEIRA CARTA.

Meu amigo. Vou escrever-lhe algumas palavras acerca do jesuitismo n'esta cidade.

Supponho que a nossa raça latina tem nas faculdades algum esmorecimento que nos vicia o senso moral e nos prostra ante a civilização. E' assim que todos os povos da nossa origem se estorcem em convulsões, perseguidos por um demonio interior, que lhes esterelisa os nobres impulsos. A reflexão calma e desapaixonada, que eleva a razão ao maximo dom do homem, é cousa impossivel, e a futilidade põe e dispõe em todos esses espiritos futeis, promptos sempre a receberem as mais absurdas impressões. Taes disposições podem produzir maravilhas nas artes, mas não conseguirão jamais guiar a consciencia pelo caminho da verdade.

E' esta talvez a razão por que o fauatismo encontra n'esta cidade tam facil guarida.

Em todas as nações latinas essa degeneração da consciencia vai baixando o caracter ao nível da degradação bysantina em que se sepultou uma raça potente. A Hespanha suffocada n'uma fé cega e inconsciente eliminou de si a faculdade de pensar, entorpeceu os nobres estímulos e foi agonizar dentro de um convento, nas vascas de um estertor sem norte e sem ponto fixo, maldizendo de suas glorias passadas, esquecida da sua antiga posição na Europa, quebrada e convertida em punhal a nobre espada do *Cid Campeador*, sem jamais poder despertar de todo, do horrivel pesadelo de seis seculos em que a adormeceu Innocencio III, esse vampiro pontífice, que lhe abriu as arterias e deixou jorrar o mais precioso do sangue possante dos descendentes de Pelagio. Poderá ella erguer-se? O futuro o dirá. E' em vão, porém, que um assomo de brios civicos lhe communica de vez em quando um calor ficticio, e que aquelle povo abatido chama revolução a uma sedição militar. Passada a febre, abiflica prostrado o moribundo exangue que se esvae e desvive na longa inanición das idéas theocraticas. Morta a energia moral nenhum impulso pode alli produzir um movimento. No desanimo e impotencia em que jaz, a Hespanha abandona o campo do direito ao sabre do soldado, abdica as liberdades publicas nas ambições despoticas dos generaes e abafa as aspirações politicas no regimem de um quartel.

Hoje, nada pode ella fazer mais do que debater-se

no vacuo entre abutres, correndo de Affonso para D. Carlos, entre os aventureiros coroados e os aventureiros militares, bandeandose ao primeiro grito de qualquer ambicioso, sem ar e sem horizontes, estrangulada nas convulsões e espasmos hystericos do jesuitismo.

A Italia, a filha primogenita da civilização hellenica; a Italia que na expressão de V. Hugo «vensinou a lèr ao geuero humano e hoje não sabe lèr» nobre e ousada nos commettimentos, tem minada a seiva romana que lhe jungia aos pés o mundo admirado, e jogava nos comicios do Aventino o destino das nações.

Aquella magestosa plebe que proclamava no *monte sagrado*, a destruição de Carthago, aquelles tribunos heroicos que bebiam no leite de Cornelia as idéas immortaes da liberdade e igualdade, erguiam com um nobre enthusiasmo as ondas populares para defender a santidade do pudor; aquelle povo de cidadãos que se chamou o povo rei, tripudia hoje em orgias nos adros das igrejas, sem glorias, sem patriotismo, sem alma, e chama-se o povo *lazzaroni*. Do passado perdeu até as tradições. Depositaria das luzes universaes, nem se quer pôde a Italia transmittir ás edades futuras, as conquistas do espirito humano, e quando a sua grandeza tombou no abysmo, a civilização afundou-se no nada. A virilidade romana amesquinhou-se e perdeu até o nobre accento da lingua de Cicero; o povo que outr'ora lançava a poeira dos Grachos contra os ceos, e proclamava a lei das doze taboas, amontoava-se depois nos amphitheatros dos circos, sem moralidade, sem intelligencia, sem sensibilidade, e ia desenvolver os instinctos brutaes nos espectaculos ferozes, morrendo e degradando-se sem protesto, saudando no ultimo arcar o Cezar que rolava na mais horrivel voluptosidade. Nem o sangue de Catão, nem a voz de Seneca, nem os exemplos da philosophia estoica podiam mais arrancar-o ao vergonhoso torpor.

Um só homem fica, Tacito, o ultimo romano, cuja penna armada pela musa das historia, com os raios da justiça, devia flagellar perante a posteridade, os violadores da dignidade humana. Depois dos Brutos, depois dos Grachos, depois dos Scipiões — Tiberio, Caligula e Nero.

G. D.

(Continua.)

ASSUMPTOS BIBLICOS

AS CHAVES DO REINO DOS CEOS

As palavras que Christo dirigiu a Pedro são explicitas, « Eu te darei as chaves de Reino dos Ceos ». S. Matt. XVI, 19. Estas chaves pelo menos, são duas, e foram dadas a Pedro, e só a elle. O que são, pois, estas chaves?

Em Isaias XXII, 20-22, faz-se esta promessa a Eliacim, filho de Helcias o qual era n'este ponto uma figura do proprio Christo: « E porei a chave da casa de David sobre os seus hombros: e elle abrirá, e não haverá quem feche: e fechará, e não haverá quem abra. »

Ora, Eliacim, significa « constituída por Deus », symbolizando assim aquelle que foi constituído, ou unguido, para ser nosso Mediador. E assim Jesus mesmo nos diz, em allusão a estas passagens no Apoc. III, 7. « Isto diz o Santo, e o Verdadeiro, que tem a chave de David: que abre, e ninguem fecha: que fecha, e ninguem abre. » Logo as chaves foram dadas sómente a Jesus, como unico

Surge o cahos sinistro, audaz alçando
A fronte enregelada,
Confunde o Mar, o Céu a Terra e tudo
Tornando o sêr em nada!

Recua o tempo, é cravada a roda
No seu valor final . . .
Cessa o possível, foge a vida e a morte
Ao brado universal!

A derradeira luz brilha nas trevas
Cercando a divindade;
Crepita, afrouxa, bruxuleia a morte . . .
Campeia a Eternidade.

Evaristo Basto.

MAXIMAS

A liberdade de consciencia é um direito que todos os
homens receberam da natureza com a vida.

Penn.

A coragem e a modestia são as duas virtudes menos
equivocas, porque a hypocrisia não as poderia imitar.

Sterne.

O despotismo tyrannico dos soberanos é um attentado
contra os direitos da fraternidade humana.

Fenclon.

A humildade é como a cinza que cobre o fogo e o ali-
menta.

Lammenais.

A divisa do verdadeiro christão é o perdão das injurias e
a prece pelo injuriador.

Esrich.

NOTICIARIO

Mais um novo Doutor da Egreja—Sua
santidade, segundo lemos no « JORNAL DA MANHÃ » de
Lisboa, n.º 615, acaba de conferir o titulo de Doutor
da Egreja a S. Francisco de Sales.

Por esta noticia ve-se que Pio IX não é qualquer
mortal terrestre, é cousa muito *para riba* pois leva sua
ingerencia até ao reino celeste.

Lá na empyrea mansão, onde (dizem) a egualdade
das boas obras nivela todos os espiritos que d'ella go-
zam em tranquilla e perpetua paz; lá onde o unico po-
der conhecido é o supremo Creator; lá mesmo a cadei-
ra romana pretende intervir, conferindo titulos de hon-
ra, e o que é mais ainda titulos de sciencia! Que gran-
deza! enviar diplomas de sciencia para lá, onde se cré
estar toda a sabedoria!

O que vai n'esta ridicula comedia é o rebaixamento
das cousas celestes justamente por aquelles que se inti-
tulam unicos e verdadeiros depositarios do direito de
represental-as e engrandecel-as.

Agua de Lourdes — Diz uma folha de Lisboa
que no vapor Equateur entrado no Tejo ha duas semanas
vieram 22 caixas com agua de Lourdes. Attribue-se esta
maior importação á peregrinação que foi a Roma.

A' vista d'isto digam-nos: — os ultramontanos não são
gente boa, santa e estimavel?

Reparem como elles procuram desenvolver a *venda* da
miraculosa agua.

E' com imposturas d'esta ordem que procuram ar-
raigal no animo do povo os sentimentos religiosos.

Além de perversos, farçantes!

Ganhou na caridade — Um bom christão
prometteu dar em *tal dia* um vestido inteiro a cada pobre.
Souberam elles da generosidade, e no dia marcado encheu-
se-lhe a casa de mendigos.

O homem viu-se tonto, mas metteu-se em escrúpulos
e mandou buscar grande porção de vestidos. Um frade
franciscano, manhoso, como verdadeiro frade, assistia a
esta festa de caridade, e condeu-se do bem-feitor, a quem
o perfume da santa virtude ia amarellecendo as faces.

— Não se affliga, irmão, que nem sempre é só pa-
ra o céo, que Deus reserva o premio das almas genero-
sas. Permite-me fazer a distribuição dos vestidos?

— Sim, reverendissimo.

O bom do frade mandou fechar todas as portas que da-
vam para a rua e obrigou os mendigos a vestirem alli
mesmo a roupa nova. Os que não quizeram fazel-o por
bem, fizeram-n'o por mal. Não valeram lagrimas, nem
vergonhas.

A final postos os pobres na rua, mandou o frade exa-
minar os farrapos, e por entre os remendos encontraram
maior quantidade de dinheiro do que houveram custado
todos os vestidos novos.

— Que inspiração teve vossa reverendissima?

— Qual inspiração, nem qual carapuça: não vê que
somos todos do mesmo officio?

CULTOS NA CIDADE

LARGO DO CORONEL PACHECO

(Antigo do Mirante.)

Todos os domingos ás 9 horas da manhã
e 6¹/₂ da tarde. Todas as quintas feiras ás
8 horas da noite.

CULTOS EM VILLA NOVA DE GAYA

Logar do Torne ao pé do tunel.

Todos os domingos ás 9 horas da manhã
e 5¹/₂ da tarde. Todas as quartas feiras ao
anoitecer.

P.º GUILHERME DIAS

Sermão recitado por occasião da inau-
guração da abertura da capella na cidade.

Preço 420.

A' venda na capella e em Villa Nova de
Gaya todos os dias excepto aos domingos.

Vende-se tambem na administração d'esta
folha.

A REFORMA

FOLHA EVANGELICA

Publica-se na primeira e terceira quinta feira
de cada mez. Preço das assignaturas (pagas
adiantadas) — Porto, anno 480 — semestre 240.
Para as provincias acresce o porte do correio.
— Redacção e Administração em Villa Nova de
Gaya — Rua do General Torres, n.º 407.